

Kerr, Gaven, *Aquinas and the Metaphysics of Creation*, Oxford University Press, New York 2019; 252 pp.; ISBN 9780190941307.

Esta obra de Gaven Kerr está focada na questão da dependência ontológica da criação em relação a Deus, tal como é concebida no sistema metafísico de Tomás de Aquino, abordando esta relação desde a perspectiva do princípio de causalidade. Na introdução (pp. 1-14.), o autor define o seu objetivo principal e apresenta a sua própria posição filosófica, que se inscreve na tradição aristotélica-tomista, nomeadamente no que se refere à conceção metafísica do cosmos. Kerr defende uma explicação das estruturas metafísicas do universo de matriz tomista e afirma que estas não são incompatíveis com os princípios validados pela filosofia contemporânea da ciência. No primeiro capítulo (pp. 15-45) o autor apresenta as conceções antigas sobre a origem do universo, sobretudo a platô-

nica e a aristotélica, explicando o modo como Tomás de Aquino se posicionou perante elas. O capítulo seguinte (pp. 46-72) trata da estrutura do ser a partir do modelo criacionista proposto por Tomás de Aquino. Deste modo, neste capítulo Kerr analisa sobretudo a concepção de Tomás sobre as potências específicas de Deus e o modo como elas atuam na criação, através de uma análise da doutrina da causalidade – formal, final e eficiente. No terceiro capítulo (pp. 73-99) o autor apresenta a definição tomista de criação focando-se no significado da expressão *creatio ex nihilo* e mostra que, na perspectiva de Tomás de Aquino, a ação de criar, especificamente divina, supõe a produção de algo no ser. Criar significa, segundo Kerr, produzir algo no que diz respeito à sua existência, e não a aspetos particulares desta. Deste modo, a criação é um ato realizado «from nothing but God’s own resources and emerge out of a state of nothingness» (p. 79) – antes de as coisas existirem nada do que as compõe existe. Kerr conclui assim que, na perspectiva de Tomás, existir não é uma propriedade intrínseca das criaturas pois pertence por essência à natureza divina. Deus faz as coisas existirem em virtude do seu próprio ser que é uno, absoluto e ilimitado. Portanto, as criaturas dependem radicalmente de Deus, dado que esta dependência diz respeito à sua própria existência. Para melhor explicar esta dependência Kerr analisa a distinção entre criação, alteração e produção na teoria criacionista tomasiana. A partir desta análise conclui-se que a criatura não tem o poder de criar *ex nihilo*. Este facto exclui de imediato uma possível correlação de dependência entre Deus e os entes criados. Como explica Kerr, a dependência das criaturas em relação a Deus é de tipo assimétrico. No capítulo quarto (pp. 99-122) o autor analisa a doutrina da causalidade de Tomás de Aquino, tomando em consideração precisamente este primado ontológico absoluto de Deus. Kerr afirma que este processo de causalidade constitui o significado essencial da criação. Como tal, neste capítulo foca a sua análise principalmente na natureza da primeira causa, distinguindo dois tipos de cadeias causais geradas por ela – *per se*, *per accidens* – e explicando o nível de autonomia de cada uma das cadeias, o modo como se comportam e a forma de atuação de cada um dos seus elementos. No capítulo quinto (pp. 123-157) Kerr analisa os componentes metafísicos da substância criada de acordo com a cosmologia de Tomás de Aquino. Para tal, mostra as relações entre as noções de matéria, forma, essência e acidente, e a função destes princípios na composição dos entes criados. Ao fazê-lo aborda duas questões relevantes: se a propriedade material das coisas pode ter origem num princípio imaterial e qual o estatuto ontológico das propriedades matemáticas e universais, dado que estas não são tipicamente entes criados. A primeira destas últimas duas questões é importante na medida em que abre a discussão sobre a

definição de matéria na filosofia tomista. Esta questão é complexa porque a matéria tem uma natureza contrária à natureza imaterial de Deus, facto que levanta questões estruturais sobre a origem da matéria-prima na metafísica criacionista do Angélico. O sexto capítulo (pp. 158-201) trata da questão da temporalidade e está focado na posição e nos argumentos apresentados por Tomás de Aquino no debate acerca de um possível início da criação. Apoiando-se nos comentários de Tomás de Aquino ao Livro do *Genesis*, Kerr analisa a distinção operada por Tomás entre origem e início, e analisa o modo como em ambas as dimensões da criação ocorre a temporalidade. No sétimo e último capítulo (pp. 202-238), o autor analisa o sentido teleológico da criação concebido por Tomás, recorrendo às noções de causalidade primeira e contínua, examinadas ao longo do estudo. Kerr argumenta que se há realmente um suporte contínuo do cosmos quer pela ação divina, quer pela própria substância de Deus que colabora nessa sustentação, então deve haver uma finalidade no cosmos. A ordem pela qual a cadeia de causas acontece implica um desígnio. Este, por sua vez, supõe a existência de uma intenção latente à criação. O autor integra os tipos de cadeia causal apresentados anteriormente – *per se* e *per accidens* – no âmbito da causa final, que é o próprio Deus, a fim de explicar o movimento teleológico da criação, segundo Tomás de Aquino. Neste livro Gaven Kerr distancia-se quer de abordagens analíticas contemporâneas à metafísica, quer da continental, de matriz existencialista. Na sua análise do modelo criacionista de Tomás de Aquino, Kerr atribui uma ligação necessária e irresolúvel entre os diferentes componentes metafísicos do universo, mostrando como todos esses elementos convergem na constituição da realidade como totalidade. Para além de apresentar de modo consistente a noção cristã de criação, este livro contribui para um melhor conhecimento da metafísica criacionista de Tomás de Aquino, alimentando o debate atual sobre o aspeto unitário da metafísica do Angélico. Os estudos mais recentes sobre do debate metafísico medieval acerca das primeiras causas, aliados às novas abordagens das questões sobre a origem cosmológica podem vir a propor novas formas de superação dos problemas metafísicos da atualidade que parecem permanecer num impasse nos últimos anos, como por exemplo, a superação de modelos dualistas ou a possibilidade da existência de multiversos.

Maria Eduarda Machado  
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.  
Bolsreira de doutoramento FCT)